

Este conto pertence ao livro
Ô Fumo! Outras histórias do João do Açúcar

ORIGENS ESQUECIDAS

O congresso era de Medicina Preventiva e ia acontecer no *Illinois Center*, em Chicago. O grupo de participantes brasileiros era constituído de mais ou menos quinze médicos, acompanhados das mulheres que aproveitavam para fazer turismo. Na manhã do primeiro dia, pouco antes da abertura oficial dos trabalhos, quatro delas conversavam distintamente nas proximidades do *Gran Ballroom*, aguardando a hora do início da sessão. Trajavam roupas elegantes, exibiam penteados muito bem arrumados e jóias, muitas jóias. Mais parecia que iam a um desfile de modas. Marialba, vestida com moletom da Universidade da Califórnia, cabelo de rabo-de-cavalo e tênis, ia passando pelas quatro quando reconheceu Vera. Aproximou-se muito descontraída:

— Verinha, que bom te ver aqui, você não me está reconhecendo?

A interpelada fez cara de enleio. Como explicar para as outras que conhecia aquela figura com aparência tão popular, tão vulgar?

— Não, não estou lembrando de você não. Deveria eu me lembrar? Quem é você?

— Que isso Verinha, sou a Tonha da Rua Antônio Rocha, filha da Diolinda.

— Diolinda?!

— É, a Diolinda que fazia biscoitão e arrumava dobradinha pra fora.

— Não, não me lembro de nada disso, lamento,

minha cara.

— Mas você não é a Verinha?

— Meu nome é Vera do Valle, com dois ll, sou esposa do Dr. Rodrigues do Valle.

— Então é você mesma. Você morava no beco da ponte; depois, dizem que você foi pra São Paulo e casou com um médico.

— Não me lembro disso não.

— Ora, Verinha, quantas vezes nós ficamos sentadas no passeio da casa da Dona Jacinta, brincando de passar anel. Vinha a turma lá da Rua Paulo Freitas e a gente brincava lá no beco.

— Não me lembro.

— O seu pai não é o Chico Vaporzinho?

— Meu pai já é falecido e era o senhor Francisco Vespasiano.

— Não era ele que consertava vasilhas de alumínio?

— Não me lembro.

— Ô Verinha, estou ficando sem graça, você não se lembra de nada!

— Minha cara, de fato, eu nasci em São João del-Rei, mas fui para São Paulo com quinze anos. Nunca mais voltei naquela terra. Desliguei-me de tudo e de todos. Considero-me uma paulistana.

— Do João do Açúcar você se lembra?

— João do Açúcar?! Eu nunca ouvi falar neste nome! Que coisa mais estranha, horrível e desprezível!

— Ora, Verinha, você não se lembra nem do João do Açúcar?

— Sei lá quem é João do Açúcar.

— É... Eu também fui para o Rio com quinze anos. Trabalhei no comércio, estudei à noite e acabei vindo pr' aqui pros os States.

— Ah, então você mora aqui.

— Moro, há muito tempo, mais de dezoito anos.

— Você está aqui ilegal, não é?

— Como assim?

— Você não é desse povo que fica clandestino?

— Não, eu me casei com o John Hall, ele é americano, temos dois filhos, moramos em...

— Olhe, minha cara, prazer em conhecê-la, mas já estão chamando para o congresso. Você me dá licença — e foi saindo com as outras três, deixando a Marialba com o discurso incompleto.

— Quem é aquela? — Perguntou uma das madames.

— Sujeitinha intrometida, vê se pode? Esse povo é engraçado, quer dizer que reconhece a gente para tirar algum proveito. Deve trabalhar na faxina do *Hyatt* e certamente ia pedir alguma ajuda. Ah, não, não aguento essa gatinha.

O congresso ia começar. O mestre de cerimônias tomou lugar e iniciou a chamada dos componentes da mesa:

— Doctor John Hall, President of the American Society of Medicine; Mr. Gerard Ackerson, President of ...

— Marialba, eu escutei aquela moça dizer que era casada com um tal de John Hall, será que é o presidente da mesa? — Perguntou uma das madames com ares de deboche.

— Vê lá, o John daquela deve ser, quando muito, presidente do hall do hotel. Deve ser algum carregador de malas — comentário feito com risos de escárnio.

Trechos do discurso do presidente da Organização

Mundial de Saúde foram elogios ao Dr. John Hall, talvez a maior autoridade mundial em medicina preventiva, com inúmeros trabalhos teóricos publicados e com incontáveis trabalhos práticos desenvolvidos no mundo inteiro sob os auspícios da ONU e do Banco Mundial.

Terminados os discursos, os participantes foram ao salão onde havia um coquetel. John Hall estava com sua mulher, a Marialba, conversando com o presidente da Organização Mundial de Saúde e com outros figurões do congresso. O Dr. Rodrigues do Valle comentou com a mulher que gostaria de conseguir uma audiência com o John Hall, mas estava muito difícil, a agenda do presidente já estava toda tomada.

— Você precisa tentar José, — José era o primeiro nome do Dr. Rodrigues — passe lá perto dele, às vezes ele dá um jeito de te encaixar num intervalo.

Aproximaram-se da roda dos maiores e Vera do Valle viu a Marialba agarrada no braço do John Hall.

— Não é possível! Hum, minha vista escureceu um pouco.

— Vera, o que não é possível? Você está bem?

— Estou. A esposa do Hall é minha conterrânea, amiga de infância.

— Por que você não me falou?

— Porque eu não sabia, José, fique calmo, vai dar tudo certo.

Naquele momento a Marialba já avistara a Verinha com o Dr. Rodrigues e abanou a mão. Os dois encaminharam-se ao grupo e

— Este é o meu marido, Marialba.

— *Rodrigues Valle, I'm very pleased to meet you.*

— Muito prazer, e este é o meu.

— Muito prazer, Hall, John Hall.

— *I'd like...*

— Pode falar português, Mr. Valle, a Marialba me ensinou muito bem, só confundo *as verbos* de vez em quando. Até aprendi que um pessoa boba é um baiau — e riu, alegremente.

Enquanto os médicos foram conversando, a Verinha puxou Marialba para um lado e começou uma prosa bastante modificada.

— Tonha, minha querida, como é bom te ver aqui? Depois que nos separamos, no início da sessão, fiquei pensando, pensando, e ainda comentei com minhas amigas, tudo me veio à lembrança: a Dona Diolinda fazendo biscoitos de polvilho e limpando bucho pra vender. Que maravilha era aquilo, poético e folclórico. E o papai, quantas vezes pregou as alças daquelas panelonas da sua mãe; sabe por que ele tinha apelido de Chico Vaporzinho? Era por causa das panelas de pressão. Você se lembra da padaria do Aquino? Eu gostava de catar brasinhas quando o trem passava. Tonha, minha querida, você se lembra do João do Açúcar, aquele rapaz que eu namorei? Nunca me esqueci dele...